

As Novas Cartas Portuguesas: política, amor e feminismo¹

Isabel TRAVANCAS²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cláudia LEMOS³

Centro de Formação da Câmara dos Deputados

“Mas o que pode a literatura? Ou antes: o que podem as palavras”
(Barreno, Horta, Velho da Costa, 2024: 257)

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise do livro “Novas cartas portuguesas”, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Hora e Maria Velho da Costa, editado em Portugal em 1972. Em 2024 a editora Todavia publicou, no Brasil, uma nova edição da obra. As três autoras se inspiraram nas “*Lettres Portugaises*”, reunião de cinco cartas de amor e desespero que “sóror”, a freira Mariana Alcoforado, escreveu para o oficial francês Bouton de Chamilly no século XVII. A obra coletiva com as novas cartas traz para suas páginas o papel da mulher nos anos 1970, sua relação com o corpo, com o sexo e com o amor. Foi um manifesto libertário de grande repercussão, proibido pela ditadura salazarista.

PALAVRAS-CHAVE

Carta; política; amor; feminismo.

Introdução

Escrever cartas é, para muitos, um ato do passado, quando o tempo andava devagar e não havia pressa. Uma missiva poderia demorar semanas ou até meses para chegar ao seu destinatário. A prática epistolar é uma escrita ordinária, do cotidiano, muitas vezes com conteúdo doméstico, como os livros de contas, cadernetas e diários íntimos. Durante dois mil anos, foi o principal meio de comunicação à distância. Atravessou séculos, inscrita em diferentes suportes, transformando seu estilo ao longo do tempo e permanecendo viva no século XXI. Para refletir sobre essa história, Tin (2015) lembra os clássicos, como Demétrio (354 – 283 A.C), que assinala: “Cada um

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial), XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Produção Editorial da ECO-UFRJ, email: isabeltravancas@gmail.com.

³ Professora do Mestrado Profissional da Câmara dos Deputados, email: claudiarflemos@gmail.com

escreve a carta como retrato do seu próprio ânimo, onde mais se vê o caráter do escritor”. Na mesma linha, Sêneca, aponta como a missiva torna presente a pessoa do destinatário. Para o historiador francês Roger Chartier:

(...) em uma história cultural redefinida como lugar onde se articulam práticas e representações, o gesto epistolar é um gesto privilegiado. Livre e codificado, íntimo e público, oscila entre o segredo e a sociabilidade, a carta, melhor que qualquer outra expressão, associa o laço social e a subjetividade. Cada grupo vive e formula à sua maneira a problemática que equilibra o eu íntimo e os outros. (Chartier, 1991: 9-10)

Neste trabalho analisamos o livro “Novas cartas portuguesas”, publicado em Portugal em 1972, apesar da pressão da ditadura salazarista, pela editora Estúdio Cor, dirigida por Natália Correa. A partir da enorme repercussão da obra, as autoras passaram a ser conhecidas como as “três Marias”: Maria Teresa Horta, jornalista, poeta e militante feminista; Maria Isabel Barreno, escritora, jornalista e artista plástica; e Maria Velho da Costa, autora de obras de ficção, poesia, peças de teatro e ensaios. Foi esta última quem provocou as amigas, depois de ter um livro de sua autoria proibido e de ter sido espancada na rua: “Se uma mulher sozinha causa toda esta confusão, este burburinho, este escândalo, o que aconteceria se fôssemos três?” (2024:14).

O que aconteceu foi que as três foram processadas por pornografia. Entre as manifestações de solidariedade que receberam, Simone de Beauvoir organizou, em Paris uma procissão de velas em frente à Catedral Notre-Dame. As escritoras só foram inocentadas e o processo encerrado alguns dias depois da Revolução dos Cravos, que terminou com a ditadura em abril de 1974, como relata Tatiana Salem Levy na introdução à nova edição brasileira (2024: 12-18).

Para expor a herança patriarcal portuguesa, as autoras escolheram dialogar com outra obra, de 1669, que reuniu cartas supostamente escritas pela freira Mariana Alcoforado (1640-1723), do Convento de Beja, em Portugal. “*Lettres portugaises*” foi lançado pelo editor Claude Barbin, em francês, e causou grande impacto. Conta a história ardente de um amor desesperado. A religiosa Mariana se apaixona por um oficial francês que estava de passagem por Portugal. Quando ele parte, Alcoforado lhe escreve cinco cartas, produzindo um texto que mistura amor e ódio.

Considera meu amor, a que ponto chegou a tua imprevidência. Desgraçado! Foste enganado e enganaste-me com falsas esperanças. Uma paixão de que esperaste tanto prazer não é agora mais que desespero mortal, só comparável à crueldade da ausência que o causa. (Alcoforado, 2023:21)

As autoras do século XX criam novas cartas atribuídas à Mariana do século XVII e as misturam com outras sobre temas contemporâneos, além de textos poesia lírica e erótica, ensaios e esboços ficcionais. Não se sabe quem escreveu cada um dos 120 textos, porque a proposta é intencionalmente coletiva.

Metodologia

Foi escolhida a análise de conteúdo para estudar os temas das cartas das três Marias portuguesas do século XX e seus formatos. De acordo com Bardin (1977), “este é um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa.” A partir da leitura de todas as cartas, foram selecionados trechos que expressam a visão de mundo, a relação com a política, com os homens, e com a própria sexualidade das três escritoras portuguesas.

As cartas

Para este resumo expandido selecionamos seis cartas. A própria escrita, relacionada ao amor, é um dos temas importantes do livro. A “Primeira carta I” começa assim:

Pois que toda literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objecto, apenas o pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa a paixão, apenas o pretexto, mas antes o seu exercício (...) (2024: p. 25)

A segunda carta escolhida é um poema: “Mensagem de invenção de Mariana Alcoforado”. Aqui, de novo, escrita e amor estão presentes:

(...) cartas escritas porque entendo
que me perco e me desprendo

se não vos culpo ou vos mato

Sufrimento que dedico
à justa mágoa de mim

Pois a razão desconheço

Senhor que de vós não lembro
já o fim
nem o começo (2024: 63)

Como nas cartas de Mariana Alcoforado, o amor é dolorido. Assim, outro tema das cartas é a raiva contra os homens e, mais que isso, o desejo de vingança. Na “Primeira carta II”, as autoras se afirmam livres para escolher a vingança e esta se exerce no amor:

(...) direito conquistamos, também, de escolher vingança, já que a vingança se exerce no amor e nos é dado de uso: usar o amor com as ancas, as pernas longas que sabem, cumprem bem o exercício que se espera delas. (2024: p.42)

A raiva, o ódio, são respostas inconformadas aos papéis impostos às mulheres, como escreve Mariana à mãe, na carta “A filha”:

Acaso será a mulher obrigada a suportar a um homem todas as humilhações só porque ele é marido: dono, senhor? Acaso o se nascer mulher significa ser-se infeliz e aguentar uma carga que ultrapassa a sua capacidade de carrego? Enganaram-se, de minha boca nunca ouvirás uma palavra que em alguma coisa se possa aproximar do perdão. Pelo contrário: até à morte e mesmo depois dela, seguir-te-á o meu ódio: pois não me condenaste para todo o sempre a esta prisão onde me puseram por louca? (2024: p.249)

A posição esperada da mulher aparece também em diversas cartas escritas em voz masculina. Como esta, “Carta de um escriturário, em África, para sua mulher de nome Mariana a viver em Lisboa”, em resposta ao anúncio de que eles terão uma filha:

Que seja um dia uma mulher virtuosa e boa, isso temos de lhe ensinar antes do mais e de mais nada.

E oxalá seja bonita, claro, oxalá o seja que para uma mulher é importante a beleza; conheces quão importante é a delicadeza das feições a reflectir claramente a delicadeza da alma daquela a quem nós, os homens, queremos anjos do lar e guardadoras fiéis de nossos anseios morais. Saiba ela, Mariana, seguir-te o exemplo, oferecendo um dia ao seu companheiro não só um corpo intacto mas toda a virtude do espírito, toda a tranquilidade e simplicidade de quem nada tem a esconder a seu marido. E acima de tudo que saiba perdoar! Uma mulher que saiba perdoar as faltas a seu marido, compreensiva, terna e generosa é um modelo a apontar mais tarde a suas filhas. (2024: p.294)

Na maioria dos casos, o homem é o destinatário das cartas. E a voz feminina lhe aponta faltas, deliberadamente sem o perdão ou mesmo o recato que seriam esperados. Um exemplo é a “Carta de uma mulher de nome Joana, para um homem de nome Noel, francês de nascimento”. Ali, o tema também é escandaloso, pois não se trata apenas de sexo, mas do prazer da mulher:

Amantes nós durante tantos meses, gozando na cama até à raiva e mordendo o prazer até à sagacidade; amantes nós mesmo hoje depois de nos separarmos, e sempre que isso nos apetece; amantes nós pela liberdade do que sabemos desfrutar quando juntos; amantes nós pela alegria de o sermos na alegria do corpo um do outro; amantes nós por cada orgasmo que construímos noutros, neles nos vindo em longas horas onde nada conta e tudo acontece... Amantes fomos e somos tudo experimentando, tudo demorando, prolongando quase até à dor cada experiência, cada movimento e espasmo... No entanto, pode ser que isto não conheças, tal como eu... Repara bem nos conselhos que passo a transcrever e pasma perante esta verdadeira sabedoria para tratamento de mulheres frígidas, coitadas, em coitos apressados, pois o que é preciso é insistir... (2024: p.292)

Conclusão

As cartas têm estilos, conteúdos e funções diversas desde sempre. Como pudemos ver, as cartas não morreram, estão vivas e presentes e continuam tendo um

papel importante em diferentes contextos, seja no âmbito íntimo, seja como literatura, caso das obras analisadas.

Pudemos perceber que há entre as “Cartas Portuguesas” e as “Novas Cartas Portuguesas” grandes distinções. Em “Cartas portuguesas” a autora parece escrever mais para ela mesma do que para o leitor. Já a sua releitura do século XXI foi concebida como um manifesto feminista, buscando atingir o público. Em comum, ambas alcançaram ressonância ao expor a posição da mulher nas relações amorosas de uma forma que contrariava o tom e a visão esperados pela sociedade de cada época.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, M. **Cartas portuguesas**. Porto: Assírio & Alvim, 2023.

BARDIN, L **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRENO, M. I.; HORTA, M. T.; VELHO DA COSTA, M. **Novas cartas portuguesas**. São Paulo: Todavia, 2024.

CHARTIER, R. (org.) **La correspondance – les usages de la lettre au XIXsiècle**. Paris: Fayard, 1991.

SOUZA, A. **Estudo das cartas portuguesas de Mariana Alcoforado**. Bagé: Unipampa, 2016.

TIN, E. (org.) **A arte de escrever cartas**. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.